

José Bonifácio merece um espaço para chamar de seu

Nos 250 anos de nascimento do Patriarca da Independência surgem iniciativas de valorização de sua história

CARLOTA CAFIERO

DA REDAÇÃO

Tijolos seriam apenas tijolos se não agregássemos sentido e valor às coisas materiais. Graças à engenhosa mente humana, que transforma e ressignifica tudo ao redor, as pedras são capazes de falar sobre nossas origens e percurso, que nem sempre resistem ao progresso econômico.

Em Santos, no final do século 19 e início do 20, muitos casarios que guardavam a memória de nossos antepassados e personagens históricos cediam lugar a casarões e palacetes durante o auge da economia cafeeira paulista e, consequentemente, do porto.

Entre os imóveis demolidos, estavam as casas em que nasceu e cresceu o cientista, minerólogo, estadista e poeta José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), um dos principais articuladores da Independência do Brasil, que é foco das comemorações em torno dos seus 250 anos de nascimento, que serão comemorados dia 13 de junho.

Na luta pela recuperação da memória do estadista na Cidade, ressignificar os locais em que ele morou durante os primeiros anos de vida, na Rua XV de Novembro (antiga Rua Direita), Centro Histórico, é ponto de honra para historiadoras e pesquisadores.

Esse trabalho começa por uma correção histórica: desde 1888, é difundida a informação de que José Bonifácio teria nascido na altura dos números 103 e 109 da Rua XV, mas essa informação é contradita por um recenseamento de 1765, no qual consta que a família Andrada vivia do outro lado da rua, na casa do lado do campo. Posteriormente, seu pai, o coronel Bonifácio, adquiriu imóvel do lado do mar, “uma vivenda mais nova, vasta e confortável”, como descreve o documento.

No lugar da casa em que cresceu, há um suntuoso edifício de quatro andares, que está para alugar. Na fachada, uma placa com o busto de José Bonifácio indica, erroneamente, ter sido ali o local de nascimento.

O prédio pertenceu ao extinto Banco do Comércio e da Indústria S.A., fundado em 1889 por grandes lavradores da elite cafeeira, e a última ocupação do local foi feita pela Câmara dos Vereadores.

A iniciativa de instalar a primeira placa indicando que José Bonifácio teria nascido naquele local partiu de um grupo de abolicionistas encabeçado pelo jornalista e ativista político Antônio da Silva Jardim, em 1888, no ano da abolição da escravatura. Em uma foto de 1902, vê-se a placa original, mais tarde substituída pela atual.

LOCAL DE NASCIMENTO

O local correto em que Bonifá-

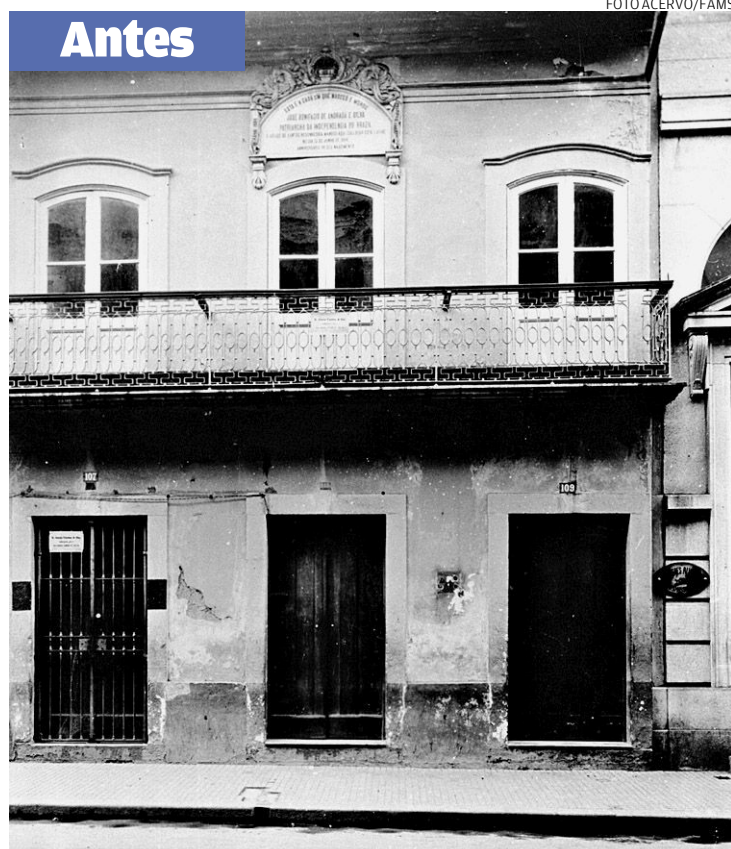


Foto (1902) da fachada da casa em que o santista viveu até 14 anos

cio nasceu fica no número 88, quase esquina da Rua XV de Novembro com a Frei Gaspar, onde, atualmente, funciona o estacionamento da Secretaria Municipal de Educação (Seduc). Na entrada, há um portal que está em recuperação, mas que não corresponde ao visual original da casa. Ali, não há placa indicando o acontecimento histórico.

“Da casa onde, de fato, José Bonifácio nasceu, desconhecemos qualquer imagem e não sabemos quase nada. Da segunda casa, há fotografia de 1902, quando (o antigo imóvel) ainda estava lá, e sabemos que o prédio no mesmo lugar (o do Banco do Comércio) já estava construído nos anos 20”, explica a pesquisadora Mary Carmen, do Setor de Iconografia da Fundação Arquivo e Memória de Santos (FAMS).

O futuro cientista morou na Rua XV de Novembro até completar 14 anos de idade, quando deixou Santos para cursar o ensino preparatório para a Universidade de Coimbra, em Portugal, para onde embarcou aos 20 anos.

MEMORIAL

O jornalista e mestre em educação José Esteves Evangelidis, coordenador da Comissão José

Bonifácio, formada para organizar as comemorações em torno dos 250 anos, diz que está em andamento, na Secretaria de Cultura (Secult), o projeto de instalar uma placa indicando o local exato de nascimento do estadista, e de corrigir a placa instalada no prédio que ocupa os números 103 e 109.

Outro projeto, mais ambicioso, visa adquirir o terreno em que funciona o estacionamento ao lado da Seduc para transformá-lo em um memorial ou museu dedicado a José Bonifácio, e expor ali os manuscritos e publicações científicas dele.

A ideia foi apresentada no início deste ano, pela Comissão José Bonifácio, ao prefeito Paulo Alexandre Barbosa, e sugere a desapropriação do imóvel e a declaração do mesmo como espaço de utilidade pública. “Este é um projeto de longo prazo, pois, primeiro, tem de se declarar que o local é de interesse público e, em seguida, de utilidade pública. A compra do imóvel seria feita pelo Município, e a construção do museu, pela iniciativa privada”, explica Evangelidis.

COIMBRA

Tetraneta de José Bonifácio, a empresária Graziela Andrada, de 46 anos, integra um movi-



Placa na frente do imóvel na Rua XV de Novembro, 103/109, indica erroneamente o local de nascimento

História

Restauro

As obras de restauro da fachada do número 88 da Rua XV de Novembro – local em que José Bonifácio (1763-1838) nasceu – foram iniciadas há dois meses, com aprovação do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Santos (Condepasa). O restauro é de responsabilidade da arquiteta Renata Maynard e do engenheiro civil Delchi Migotto Filho, que explica que a estrutura do portal está bem estável, não correndo risco de desabar, mas que as esquadrias de metal se encontram bastante danificadas, e terão de ser trocadas. Ele e a arquiteta estão se baseando em fotos e documentos que mostram o imóvel como era no século 20 – não mais com as características da casa que abrigou a família de José Bonifácio.

As pedras que falam

Outra personalidade histórica – entre tantas – de Santos, o médico e poeta Martins Fontes (1884-1937) também morou em mais de uma casa na Cidade. Ele teria nascido na casa número 4, na Praça José Bonifácio, e vivido na Rua 7 de Setembro e na Avenida Presidente Wilson, 68, no José Menino, hoje o Edifício Piratininga, que estampa, na fachada, um poema de Fontes, que diz: *Beijemos nós a Terra em que nascemos/ Sobre a qual se ergue o teto onde vivemos.*



O número 88 da Rua XV, onde ele nasceu, pode virar um memorial

mento pela criação da Fundação José Bonifácio em Santos, e apoia a criação de um memorial na Rua XV de Novembro, no local em que seu tetravô nasceu.

Ouro local igualmente importante, para ela, é a casa na Ilha de Paquetá, no Rio de Janeiro, onde o tetravô morou até pouco antes de morrer, em 1838. Tombada pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), a casa de Paquetá guarda móveis e objetos de época e está à venda por quase R\$ 1,8 milhões, com três propostas de compra, sendo uma de Graziela, que demonstrou interesse em comprar “em parte” o imóvel.

A tetraneta ressalta, também, a existência da casa em que José Bonifácio morou em

Portugal, às margens do Rio Mondego, em Coimbra, conservada nos moldes originais. Há cerca de cinco anos, ela esteve no local para inaugurar uma placa na fachada e uma avenida com o nome de José Bonifácio – onde a residência está localizada.

Graziela lembra que a casa não está em um estado “maravilhoso” de conservação, mas é original. “É uma casa sem luxos, pois o meu tetravô não era preso às coisas materiais, mas ao conhecimento”, ressalta Graziela, que recebeu, de professores da Universidade de Coimbra, algumas pedras da coleção de José Bonifácio. “Os portugueses conhecem mais o lado científico dele. No Brasil, se exalta o lado político”, diz.

Bom exemplo que deve ser seguido

Enquanto o governo Municipal estuda a viabilização de projetos para a valorização de prédios históricos do Centro de Santos – incluindo os terrenos em que José Bonifácio nasceu e viveu os primeiros anos –, vem de Campinas, no interior de São Paulo, um exemplo de ocupação inteligente de um imóvel que guarda a memória de uma figura ilustre da cidade: a escritora Hilda Hilst (1930-2004).

Não fosse a resistência de três herdeiros da Casa do Sol e seu entorno (um terreno de 9 mil metros quadrados), o local em que a escritora viveu por 45 anos e criou a maior parte de sua obra literária poderia ter sido transformado em sede para a construção de um grande empreendimento imobiliário.

Com 800 metros quadrados de construção, localizada a 130km de São Paulo, entre Campinas e Jaguariúna, a casa abriga, desde 2005, a sede do Instituto Hilda Hilst (www.hilst.com.br), que tem como missão preservar a casa tal qual Hilda a deixou.



Entrada da Casa do Sol, onde funciona o Instituto Hilda Hilst que realiza intercâmbio com artistas

Tombada pelo patrimônio histórico em 2011, a Casa do Sol foi construída por Hilda em 1965 e abrigou a autora até

sua morte, em 2004. Local de grande efervescência cultural, foi frequentada por escritores como Caio Fernando Abreu e Lygia Fagundes Telles, pelo maestro José Antônio de Almeida Prado e pelos físicos Cé-

sar Lattes e Mário Schenberg. No último dia 21, data do aniversário de Hilda, foi inaugurado um teatro móvel no pátio interno da casa. Com capacidade para 130 pessoas, o teatro estreou com a peça *Jozú*, o En-

cantador de Ratos, projeto da atriz Carla Tausz e de José Luiz Mora Fuentes, baseada na peça de Hilda, que continua em cartaz na casa.

A programação do teatro será focada em montagens baseadas na obra de Hilda e de autores contemporâneos, além de recitais de música e poesia. A próxima peça a ser apresentada no espaço, ainda sem data definida, será *A Obscena Senhora D*, texto de Hilda e montagem do grupo paulistano Circo do Silêncio.

A verba para a aquisição de equipamentos de luz e som e de estruturas fixas, como barras de aço para sustentar os refletores, e de estruturas móveis, como o assento – que pode ser deslocado para outros pontos da casa ou do jardim –, foi conseguida via sistema *crowdfunding*, conhecido como “vaquinha virtual”.

O projeto foi viabilizado por uma plataforma de *crowdfunding* de Campinas e região, a Soul Social (<http://soulsocial.com.br/>) e, entre novembro e janeiro deste ano, foram arrecadados R\$ 16 mil, vindos de

doadores de várias partes do Brasil e do mundo.

A ideia de colocar em funcionamento um teatro na Casa do Sol surgiu com o escritor espanhol radicado no Brasil José Luiz Mora Fuentes (1951-2009), muito amigo de Hilda, que morou com ela por vários anos. Ele e a mulher, a artista plástica Olga Bilenky, herdaram a casa e negaram ofertas milionárias de empreiteiras interessadas no terreno da casa para a construção de um condomínio fechado.

Também herdeiro da casa, o filho do casal, Daniel Fuentes, é presidente do Instituto Hilda Hilst e gerencia os direitos autorais da escritora. Ele conta que, além do teatro, a Casa do Sol continua sendo espaço para residências artísticas, promovendo intercâmbio entre artistas e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Em maio, a casa receberá cinco artistas plásticos, que permanecerão por um mês no local, em projeto do Ateliê Aberto Produções Contemporâneas com patrocínio da Funarte.